

HILDA HILST: ENTRE O PROFANO E O SAGRADO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Hilda Hilst: Between the Profane and the Sacred in Contemporary Brazilian Literature

Maicon Novaes Lima

Faculdade Unyleya/UFBA

Sandra Veronica Vasque Carvalho de Oliveira

Faculdade Unyleya

Resumo: Este trabalho discute sobre a imagem de Deus que a autora Hilda Hilst apresenta em sua obra. Para isso, busca-se uma análise da poética Hilstiniana intuindo comprovar a desconstrução e a construção de uma narrativa explícita do divino, bem como, discutir o próprio entendimento de propósitos sagrados. Isto é, um deus com características de retraimento, melancolia, amor e cólera. Um deus que o leitor visualiza num olhar incrédulo, olhar este que ovacionou Hilda Hilst enquanto uma das maiores escritoras de língua portuguesa do século XX.

Palavras-chave: Desconstrução. Divino. Profano. Sagrado.

Abstract: The work discusses the image of God that the author Hilda Hilst presents in her work. For this purpose, it seeks an analysis of Hilst's poetic style aiming to prove the deconstruction and construction of an explicit narrative of the divine, as well as discussing the very understanding of sacred purposes. That is, a God with characteristics of withdrawal, melancholy, love, and anger. A God that the reader visualizes with an incredulous gaze, a gaze that acclaimed Hilda Hilst as one of the greatest Portuguese-language writers of the 20th century.

Keywords: Deconstruction. Divine. Profane. Sacred.

1 Introdução

“Deus? Uma superfície de gelo ancorada no riso. Isso era Deus...” (HILST, 1986).

Hilda Hilst é uma autora brasileira, reconhecida por uma escrita provocativa e transgressora, que frequentemente aborda temas relacionados à espiritualidade, religiosidade e erotismo. Ela é ovacionada enquanto uma das mais importantes e intrigantes escritoras de língua portuguesa do século XX.

Esta pesquisa surge a partir da direção ímpar que, nos últimos tempos, os estudos que envolvem o fenômeno literário têm revitalizado seus olhares: o amplo leque inter-relacional exequível entre a literatura e as diversas áreas do saber humano. Nessa premissa, a escolha de Hilda Hilst como objeto de busca dessa análise ocorre porque sua obra apresenta uma polifonia que, de forma dicotômica, possibilita ligações essenciais entre literatura e existência.

Além disso, a obra literária de Hilda Hilst é verdadeiramente profana? Quem ou o que é essa divindade criada pela autora? De onde vem sua (in)existência? E qual o significado desse amor carregado de sexo mencionado nos escritos da autora? Com isso, busco analisar em profundidade a obra de Hilda Hilst, especialmente os livros "Estar sendo. Ter sido", "Exercícios" e "Poemas malditos, gozosos e devotos".

2 Justificativa

Ao iniciarmos a leitura da obra de Hilda Hilst, notamos que é criada uma representação do divino que se diferencia da imagem divina cristã. Portanto, a presente pesquisa se justifica na análise do olhar que a autora Hilda Hilst lança nos livros "Estar sendo. Ter sido", "Exercícios" e "Poemas malditos, gozosos e devotos" com relação à imagem de um deus carnavalizado e dicotomizado entre o sagrado e o profano. Para isso, realizaremos uma análise da poesia de Hilda Hilst, com o objetivo de evidenciar a desconstrução e a construção que a autora realiza em torno de um chamado explícito ao divino.

3 Objetivos:

3.1 Objetivo Geral:

Mapear e discutir as inúmeras óticas e estéticas hilstianas utilizando-se da indagação de seu discurso, estrutura e linguagem.

2.2 Objetivos Específicos:

- Discutir as estéticas de Hilda Hilst sobre Deus, procurando demonstrar como a autora atribui valor ao divino e qual sua relevância para o homem;
- Analisar as diferenças e semelhanças do divino e do mortal apresentadas pela escritora;
- Identificar a imagem de Deus criada por Hilda Hilst;
- Verificar, descrever e compreender a temática de erotismo segundo a visão da mulher contemporânea;
- Explicar a inter-relação entre o erotismo e a busca psicológica na obra hilstiana.

4 Referencial Teórico

Hilda Hilst apresenta uma obra que abrange os três gêneros literários, sendo reconhecida como poetisa, dramaturga e ficcionista. Sua obra se caracteriza por possuir uma erudição que recorre às premissas filosóficas, místicas e religiosas, demonstrando a profundidade de sua contribuição para a literatura em língua portuguesa.

Para compreender a experiência poética de Hilst, é imperativo entender o significado de sagrado e profano, bem como os papéis que essas categorias desempenham nos desejos e angústias humanos. Desde os primórdios das civilizações, há registros de que a humanidade tem vivido para cultuar seres denominados divinos, superiores e dotados de poderes inquestionáveis, de acordo com diversas crenças. Qualquer definição de sagrado e profano une o mundo real e o irreal, muitas vezes colidindo na esfera do misticismo e da metafísica.

Nesse contexto, Mircea Eliade (2001, p. 20) enfatiza que 'o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo ser humano ao longo de sua história'. Ele prossegue argumentando que:

É preciso acrescentar que uma tal existência profana jamais se encontra no estado puro. Seja qual for o grau de dessacralização do mundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso... Veremos que até a existência mais dessacralizada conserva ainda traços de uma valorização religiosa do mundo. (ELIADE, 2001.p. 27)

O sagrado se revela quando um lugar se apresenta como um "ponto fixo", com possibilidades de direcionamento para um caos homogêneo, ou seja, um mundo construído, uma experiência autêntica. Por outro lado, o profano se mantém na homogeneidade em relação a um espaço relativo. Nesse contexto, a produção de Hilda Hilst é caracterizada pelo amadurecimento e progresso criativo gradual.

De título para título vai-se aprofundando na poética hilstiana a função mediadora(ou demiúrgica) da poesia, religando o homem prisioneiro da civilização tecnocrata aos impulsos primitivos/naturais do ser, e despertando nele a consciência terrestre (COELHO. 2002, p. 265)

Negar o sagrado seria, na verdade, aceitar sua existência e, talvez, experienciá-lo. A rotina humana é composta por inúmeros rituais que demandam ações e sentimentos únicos para cada ser humano, transformando-se em diversas situações de grande importância na formação da história pessoal de cada um.

Hilda Hilst apresenta uma extensa gama de características céticas em sua obra. Nesse sentido, Mircea Eliade (2001, p. 35) enfatiza que 'o fenômeno do homem a-religioso é muito raro, mesmo nas sociedades modernas mais dessacralizadas'. Ele ainda destaca que a maioria dos 'sem religião' ainda se comporta de maneira religiosa, embora não haja uma consciência clara disso. 'O a-religioso segue uma mitologia camuflada por inúmeros rituais secularizados', como um exemplo válido, podemos citar as celebrações de Natal e Ano Novo, que têm uma estrutura de renovação secularizada. Nesse contexto, sagrado e profano são representados como uma faca de dois gumes, e aqui, Hilst brinca e abusa de ambos os aspectos.

Na sua literatura, Hilst parece expressar seus anseios de confronto com Deus, mesmo que também demonstre uma necessidade de aceitar essa divindade. Para tanto, busca desesperadamente o sagrado a partir de sua necessidade questionadora e de reivindicações sobre a inexistência de Deus no mundo. Nesse processo, utiliza um profano sarcástico e irônico em paralelo com o reconhecimento da plenitude daquele que o representa. Isso demonstra a presença do profano como um elemento essencial na busca por uma explicação para a existência do criador, evidenciando a profunda ambiguidade presente no paradoxo Hilstiano

[...] profanar é restituir ao livre uso, e à propriedade dos homens, aquilo que foi separado pela consagração. É uma tarefa política por excelência dentro do contexto capitalista em que vivemos, no qual cada coisa é exibida separada de si mesma pelo espetáculo e pelo consumo, impedindo-nos um uso de fato [...] (AGAMBEN, 1999, p.30)

Hilst cria, a partir de criaturas títeres, uma visão pejorativa, carnalizada, carnalizada, ridicularizada e ironizada da existência e plenitude de Deus:

devo dizer que tenho visto deus. é um tipo *mignon* quase maneiroso. ao lado dele um atarracado sempre mastigando. Insisto com Matias que é assim mesmo. ele diz impossível, deus só pode ser grandalhão e vermelho. bobagem. um conceito conservador: e com aquele vozeirão. ao contrário: voz de moça e pulsos e canelas finas. [...] então é magrela teu deus? digo que não disse isso, disse *mignon*. e o outro cara, mastiga o quê? miasmas que vão saindo do outro, invenções que devem ser contidas. não há gente defendendo a ciência dos limites? então, o atarracado mastigando ao lado vai engolindo as fantasias dejetas do divino (*Estar sendo. Ter sido.*,1997, p. 18-9).

Nesse diapasão, analisando o fragmento de texto acima, nota-se que Hilst apresenta um Deus com um lado pejorativo e outro construtivo ao fazer a escolha de vocábulos para designá-lo escritos em letras minúsculas, além dos adjetivos utilizados para diminuir e caracterizar a

imagem de Deus enquanto aspectos que relacionam ao físico feminino, algo completamente descartado pelas religiões judaico-cristãs. Tal afirmativa pode ser fundamentada na passagem que se confirma em: “*voz de moça e pulsos e canelas finas*”. É importante colocar algumas considerações importantes, pois essa afirmação não põe Deus como uma figura do sexo feminino, pois seria algo natural e não depreciativo, mas sim segundo o personagem “*deus*” apenas representa a fragilidade e sem nenhuma falta de imponência.

Hilst ainda carnavaliza Deus, tal ato é feito até as últimas consequências, algo que propõe ao interlocutor uma reflexividade do inesperado, do que não foi pensado e os seus significados, realidades pré-julgadas e doutrinadas. Hilst parece zombar até mesmo da presença deste Deus em diversos lugares.

Rosinha, ele está aí dentro, estou sentindo onde seo Vittorio, onde? no meu cu, idiota, ah, está bem, não chora, já vi que você não entende nada de deus, eu precisava é falar com Dom Deo, mostrar-lhe o único buraco aqui na Terra onde deus habita (*Estar sendo. Ter sido.*, p.90).

Nota-se aqui a presença do divino é alçada de forma depreciativa e questionável em relação a sua onipresença que o põe nos mais absurdos e inusitados espaços jamais pensados. Assim, no fragmento Vittorio gostaria de saber se “*deus*” estava presente em seu aparelho excretor.

Nesse diapasão, a autora constrói um Deus com imagem destoante daquela construída pelo Cristianismo. O deus de hilstiano recebe características humanas que o dissociam do ideário de um ser puramente perfeito. É uma figura que não ajuda, não ama e não socorre quem o recorre. É um ser incapaz de suprir suas próprias necessidades, o que o torna dependente dos humanos para louvarem-no, adorá-lo e amá-lo. Onde as criações deste deus seriam responsáveis pela existência deste.

“Pés burilados
Luz-alabastro
Mandou seu filho
Ser trespassado
Nos pés de carne nas mãos de carne
No peito vivo. De carne.
Pés burilados
Fino formão
Dedo alongado agarrando homens.
Galáxias. Corpo de homem?
Não sei. Cuidado.
Vive do grito
De seus animais feridos
Vive do sangue
De poetas, de crianças
E do martírio de homens
Mulheres santas...(HILST, 2005. P. 14-15)

O trecho acima denota a visão exposta acerca do deus hilstiano. Confirma-se nas frases: “*vive de grito. De seus animais feridos. Vive de sangue. De poetas, de crianças. E do martírio de homens. Mulheres santas*”.

Com isso, é concebida uma espécie de deus que não existiria sem a devoção da sua criação, subentende-se: humanidade. Nesse ideal, o deus que cria torna-se totalmente dependente de suas criações para existir.

Outro ponto chave é que, no início do poema Hilst atribui ao divino uma imagem que ao enviar seu filho, Jesus, para o calvário este seria impiedoso desconstruindo assim toda uma visão mantida por séculos pelo Cristianismo.

Ela arquiteta um novo deus dependente de sua criação para existência e manutenção de ambos, dando em troca aos fiéis uma espécie de redenção. Conforme Nikos Kazantzakis(1959,p.88), Deus agarra-se à fauna, flora e humanos porque este não dispõe de nenhum artifício de proteção a não ser essa dependência que em parte se torna mútua num único grito de socorro ao universo. Com isto, conclui-se que Hilst seguiu grande parte das ideias deste pensador.

O ser divino é carne de nossa carne, ele está em nós e arrisca tudo. Só se pode salvar se nós, por nossa luta, O salvamos. Então nós podemos salvá-lo se Ele próprio não for salvo.” (KAZANTZAKIS, 1959, p.88).

Após este estudo da imagética divina Hilstiana presentes em fragmentos de algumas das suas obras, se depreende que, veridicamente, Deus se torna dependente de suas criaturas, pois deus só existiria se houvesse a morte do que foi grafado e de quem o fez.

Em suma, há uma presença explícita do profano e do sagrado nos fragmentos de obras de Hilst aqui analisadas, conforme exposto e esclarecido, o que reforça mais ainda os pressupostos teóricos de que esta autora buscava o sagrado em seus escritos, mas que não podia concretizá-lo se também não houvesse a presença do profano, onde ambos trilham juntos na busca incansável de sua adoração sem fim, de sua co-participação fundamental para o esclarecimento conotativo e figurado.

Por volta desta esfera que encobre a inquietude, os fragmentos de Hilst expõem o caos, remodelam sua poética e literatura desarranjada e rude em “Malditos, gozosos e devotos” e “Estar sendo. Ter sido.”, unindo paradoxalmente o sagrado e o profano. Através de uma breve visão pejorativa, carnalizada, ridicularizada e ironizada, constrói críticas a respeito da decadência dos ilustres projetos arquitetados numa era moderna, enfatizando a dor do seu eu existir experienciada com o descobrir da falta de se estar seguro no mundo em que vivencia suas inquietudes.

5 METODOLOGIA / RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como método utilizou-se da análise estrutural e temática dos mencionados textos de Hilst, bem como revisão bibliográfica. Tal metodologia ocorreu como meio de comprovação da desconstrução e da construção que a autora faz de um chamamento explícito do divino, bem como do entendimento de seus propósitos, e como este é montando. Quais características a autora concebe neste deus.

Ademais, buscou-se discutir o possível olhar incrédulo relativo aos modelos religiosos cristãos e que equipara Hilst enquanto uma das maiores escritoras do século XX ideia que se alicerçou enquanto um elemento imprescindível para discutir de maneira precisa a problemática do sagrado e do profano na obra e, quiçá na vida de Hilda Hilst.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos foram os aspectos que motivaram esta pesquisa. Claro que todos eles foram instigados pela apreciação da obra literária de Hilda Hilst, especialmente em sua trilogia pornográfica, onde o Deus idealizado pelo cristianismo veste mortalidade, ultrapassando os limites dos mais instigantes devaneios da autora. Na desconstrução da gramática, em sua fragmentação como um procedimento deliberado, Hilda apresenta as múltiplas possibilidades de uma escrita impulsionada pela pulsão, carregada de excitação, evidenciada no texto pornográfico por descrições obscenas e libertinas, nas quais Hilst apresenta de forma enfática uma visão depreciativa, carnavalizada, ridicularizada e ironizada da (in)existência e plenitude de Deus.

Em sua produção, Hilst demonstra seus anseios de confronto com Deus, expressando, ao mesmo tempo, a necessidade de aceitação dessa divindade. Para tanto, a autora busca desesperadamente o sagrado, a partir de sua necessidade questionadora e de reivindicações acerca da inexistência de Deus no mundo, utilizando um profano sarcástico e irônico, em paralelo com o reconhecimento da plenitude daquele que O representa. Isso enfatiza a presença do profano como um elemento essencial na busca de uma razão para a existência do criador, denotando uma profunda ambiguidade presente neste paradoxo hilstiano.

Resumidamente, como afirmou Umberto Eco, escritor e crítico literário, ler uma obra literária é se comprometer com uma atividade de fidelidade e consideração pela liberdade da interpretação. É claro que existe uma heresia crítica perigosa, que se tornou típica em nossos dias, que sugere que em uma obra literária pode-se fazer o que se quiser, lendo nela o que nossos impulsos mais incontroláveis sugerirem. As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, uma vez que oferecem discursos com muitos planos de leitura e nos confrontam com as ambiguidades da linguagem e da vida (ECO, 2003, p. 12).

Com isso, fica evidente que o texto literário oferece inúmeras possibilidades de interpretação, e o texto hilstiano, singularmente, abre um amplo leque de portas pelas quais se exploram as principais questões que permeiam o imaginário do homem contemporâneo, expressando, por meio da poesia, os anseios e angústias típicos da modernidade. As obras de Hilda Hilst aqui analisadas conduzem a dois grandes impasses: I. A busca pelo amor; II. A (in)existência de Deus.

Referências

COELHO, Nelly Novaes. A poesia obscura/luminosa de Hilda Hilst e a ‘metamorfose’ de nossa época. In HILST, Hilda. Poesia (1959 -1979). São Paulo: Edições Quíron/INL, 1980.

COELHO, Nelly Novaes. Um diálogo com Hilda Hilst. In: Feminismo singular: a participação da mulher na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: GRD/ Rio Claro, Arquivo Municipal, 1989

DANTAS, Goimar. O sagrado e o profano nas poéticas de Hilda Hilst e Adélia Prado. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano – A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GAMBEN, Giorgio. Idéia da prosa. Lisboa. Cotovia, 1999. 3 ed.

HILST, Hilda. Estar sendo. Ter sido. São Paulo: Nankim Editorial, 1997.

HILST, Hilda. Exercícios. São Paulo: Globo, 2002. 272 p.

_____. Poemas malditos, gozosos e devotos. São Paulo: Globo, 2005. 92 p.

KAZANTZAKIS, Nikos. Ascese: Os Salvadores de Deus. Rio de Janeiro: Record, 1959. 120 p.

PÉCORRA, Alcir. Nota do organizador. In: HILST, Hilda. Poemas malditos, gozosos e devotos. (org. Alcir Pécorra). São Paulo: Globo, 2005.